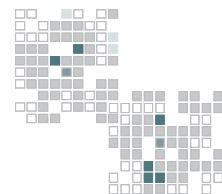


## De Luiz Beltrão aos dias atuais: a Folkcomunicação como um campo vivo, resistente e contemporâneo

Paredes de banheiros que viram telas para escritos marginais e ilustrações eróticas. Papeis miúdos de um cordel que dão conta da grandeza das aventuras de um herói popular. Canções folclóricas que trazem consigo não apenas a alegria de uma letra e melodia vivas no tempo presente, mas, também, vestígios de gerações ancestrais. Seres encantados que unem as histórias dos povos da mata e da cidade. Ex-votos que materializam os testemunhos da fé e, ao mesmo tempo, dão corpo e comunicam a esperança de um povo... Todas elas, expressões culturais e comunicacionais que, à primeira vista, não teriam espaço nos volumes sisudos das muitas teorias e epistemologias do nosso campo. Não fosse, claro, a existência de uma área complexa e abrangente como a Folkcomunicação, criada pelo pesquisador brasileiro Luiz Beltrão, ainda no fim dos anos de 1960. Com a proposição de abarcar todas as expressões acima mencionadas (e tantas outras mais), a disciplina promovida por Beltrão preconizava a urgência de uma verdadeira guinada no olhar acadêmico para objetos, sujeitos, processos e práticas da comunicação popular e folclórica que sempre estiveram à margem da intelectualidade.

Assim, para expressar a atualidade do pensamento beltraniano e dos demais pesquisadores da América Latina que continuam a pavimentar o caminho das reflexões da Folkcomunicação na contemporaneidade, o presente dossiê é intitulado “Comunicação Intercultural e Folkcomunicação num mundo em conflito”. Organizado por Marcelo Sabbatini (Universidade Federal de Pernambuco), Marta Melean (Universidade Paulista) e Cristian Yáñez Aguilar (Universidad Austral de Chile), o número 38 da *Revista Latino-Americana de Ciencias de la Comunicación* procura trazer artigos que dialogam com os processos comunicacionais, sejam eles nos meios massivos ou nos canais paralelos de comunicação social, incluindo as redes digitais, transformadas pelo ciberativismo e pela cultura hacker. Da mesma forma, pensando no contexto atual, a pandemia de Covid-19 colocou em evidência a enorme diferenciação cultural, econômica e social existente em nossas sociedades e afetou mais fortemente segmentos sociais empobrecidos ou migrantes. Por isso, o dossiê faz menção de colocar a Folkcomunicação como mediação possível no entendimento dos conflitos que atravessam nossa história e nossa conjuntura de saúde global por vias econômicas, políticas, sociais e culturais. Mais além disso, em tais conflitos também se incluem as tensões entre modos de conhecimento científico e atitudes negacionistas, bem como uma crítica à visão hegemônica da ciência ocidental frente às “epistemologias do Sul”.



Abrindo as discussões do dossiê, o artigo *Religiosidade afro-gaúcha e Folkcomunicação: discussões a partir do documentário Cavalo de Santo*, de Antônio Hohlfeldt e Ícaro Matos Kropidloski, observa três festas tradicionais (Festa de Oxum, Festa de Iemanjá e Encontro de Quimbandeiros) a partir da linguagem documental. Para os autores, as festas configuram, de fato, expressões folkcomunicacionais que trazem novas reflexões ao campo. Em seguida, Felipe Adam e Ivan Bomfim analisam os episódios da segunda versão do seriado “Carga Pesada” (TV Globo, 2003-2007), baseando-se na teoria da Folkcomunicação. Desse modo, o texto *O cotidiano folkcomunicacional no seriado “Carga Pesada”* interpreta como as temáticas sociais estão relacionadas com o cotidiano dos personagens Pedro e Bino (em meio às histórias de superstição e crenças religiosas que também comprovam que o seriado funciona como uma representação a respeito do contexto cultural brasileiro). *Folclore e adaptação – os tensionamentos em “Cidade Invisível”*, de Andriolli Costa, reflete sobre os tensionamentos e desafios que permeiam a adaptação do folclore para uma nova mídia, em um processo fundamentalmente folkmidiático. Para o autor, a série torna-se um exemplo paradigmático para compreender os embates contemporâneos que permeiam o campo (na busca infundável pelo supostamente “legítimo”, nas limitações inerentes à cristalização da pluralidade das narrativas orais, na confusão entre tradição e ficção e na iluminação mútua entre texto-fonte e sua adaptação).

Já em *Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional*, os pesquisadores Guilherme Moreira Fernandes, Flávio Menezes Santana e Karina Janz Woitowicz fazem uma articulação entre o campo folkcomunicacional e as noções de resistência cultural, política e comunicacional com base em perspectivas latino-americanas. O estudo se efetiva a partir de pesquisa bibliográfica e conclui que a atualidade das manifestações folkcomunicacionais podem ser vistas como resistência no exercício da conquista de direitos e liberdades. Prosseguindo com a temática, em *Decolonialidade e jogos digitais: releituras históricas, resistência e luta*, Marcelo Sabbatini estuda o jogo “Banzo – Marks of Slavery” (Banzo – Marcas da Escravidão) e identifica questões como macro-estrutura, relações colonizador-colonizado e revide, domínio do espaço geográfico, síndrome de identidade, outremização, luta e violência física enquanto elementos de uma experiência de resistência cultural.

Cristina Schmidt Silva Portéro, em *Grupos marginalizados na arena política em tempos de pandemia e desestruturação democrática*, busca evidenciar tais grupos como atores fundamentais no processo de agendamento e manutenção de políticas públicas, bem como nas articulações para a reconexão democrática. Com um tema igualmente caro às autoras Ivonete da Silva Lopes, Jéssica Suzana Magalhães Cardoso, Daniela de Ulysséa Leal e Carina Aparecida Veridiano, o artigo *Mulheres quilombolas e inadequação da comunicação de risco em tempos de pandemia* debate como a adequação da comunicação às particularidades locais, gênero, classe, cultura e território tem se intensificado durante a pandemia. O trabalho usa como *locus* analítico os hábitos de consumo de informação das mulheres da Comunidade Quilombola Buieié (em Viçosa, MG). Também relevante, *Folkcomunicação, cultura e arte em busca da resiliência em tempos de pandemia*, escrito por Betânia Maciel, intenta identificar como as expressões e manifestações da arte pública, urbana e popular, com foco no grafite, foram utilizadas como práticas comunicativas capazes de expressarem sentimentos coletivos diante da tragédia pandêmica, assim como suscitar debates públicos através das reivindicações de caráter político das classes marginalizadas.

Dando continuidade ao contexto pandêmico, o artigo *Celebrações religiosas em tempos de pandemia: um olhar sobre a festa de Nossa Senhora da Conceição*, produzido por Rosi Cristina Silva, traz uma

importante contribuição à área ao mobilizar o método da observação participante (como ponte entre as pessoas e a pesquisadora) para efetivar a análise da manifestação cultural festivo-religiosa em questão. Na mesma toada, a pesquisa *Verdades mínimas. Relatos pandêmicos expresados en los periódicos miniaturas de la fiesta de Alasitas de La Paz, Bolivia*, escrita por Vanessa Calvimontes Díaz e Juan Villanueva Criaes, apresenta uma tradicional festividade que se baseia na compra e venda de periódicos em miniatura que, com humor e sátira gráfico-textual, desvelam problemas da sociedade boliviana em um período de crise sanitária local e global. No trabalho *Rede social de imagens e produções locais para pensar sobre um problema nacional: a pandemia da Covid-19 no Brasil*, Camila Leite de Araujo e Cristiane Barbosa empreendem uma investigação fotográfica, por meio do perfil digital @covidphotobrazil, na tentativa de entender como as redes sociais nos convidam não apenas a ver imagens, mas, acima de tudo, a questioná-las e comentá-las.

No contexto da interação das redes, as pesquisadoras Juliana Hermenegildo da Silva e Maria Erica de Oliveira Lima trilharam um caminho exploratório para entender o uso das redes sociais digitais na construção de narrativas e processos representativos dos estados nordestinos idealizados pelas quadrilhas juninas. Em *Narrativas folkcomunicacionais nas mídias sociais: as Quadrilhas Juninas contam o Nordeste*, o objetivo das autoras é visualizar como os grupos juninos se utilizam das técnicas desses espaços para recriar suas histórias e repensar o imaginário popular. Ainda no campo das ambiências digitais, o artigo *As TICs no cotidiano de famílias agricultoras: apropriações e incorporações no meio rural contemporâneo*, possibilita conhecer as adequações entre mídias novas e tradicionais no cotidiano de uma ruralidade particular que, segundo Lírian Sifuentes, João Vicente Ribas e Aline Bianchini, acaba por apresentar fronteiras esmaecidas entre o urbano e o rural. Por sua vez, o artigo *O Patrimônio cultural dos sinos preservado por meio da narrativa folkmediática transmídia* debate as estratégias para a preservação de saberes tradicionais por meio do projeto “Som dos Sinos” que difunde expressões culturais de uma comunidade por meio da linguagem dos sinos. O trabalho, de autoria de Urbano Lemos Jr. e Vicente Gosciola, demonstra que as identidades culturais e os processos comunicacionais encontram no ciberespaço novas formas de manter tradições e salvaguardar saberes e fazeres.

Quase encerrando a seção de artigos do dossiê, a pesquisa de Ermaela Cícera Silva Freire e Itamar de Moraes Nobre, intitulada *Folkcomunicação, cultura popular e feira central de Campina Grande (PB): uma revisão integrativa*, objetiva mapear a produção científica sobre folkcomunicação, cultura popular e feiras livres no Nordeste através de uma revisão integrativa. Logo, o artigo toma como ponto de partida os dados disponíveis nas bases acadêmicas da Compós, Intercom, Ibercom, Revista Internacional de Folkcomunicação e Scielo. Finalmente, o trabalho de Marcelo Pires de Oliveira, *Bibliometria do uso da metodologia da história oral na pesquisa em Folkcomunicação 2000-2020*, discute a necessidade de um debate aprofundado sobre as metodologias empregadas no campo folkcomunicacional e, particularmente, assinala as lacunas na ausência-presença da história oral nos trabalhos analisados.

Parte importante da edição, o espaço dos **Artigos Livres** apresenta o trabalho *Resgatando o pensamento de Paulo Freire para os estudos e as práticas da Comunicação*, de Margarida M. Krohling Kunsch. No centenário do nascimento daquele que é o intelectual brasileiro mais citado intencionalmente, o artigo traz uma pesquisa bibliográfica centrada nas suas principais obras, cujas referências constituem bases fundamentais na tentativa de aplicá-las em atividades de pesquisa, ensino e cultura e extensão no campo comunicacional. Em *Entre processos de midiaticização e territórios midiáticos: reterritorialização*

do trabalho em tempos de pandemia, Vilso Junior Santi e Bryan Chrystian têm como objetivo a tentativa de aferir o interesse de usuários brasileiros por ferramentas midiáticas no período de isolamento social e, assim, compreender os movimentos de territorialização de territórios midiáticos.

Outro artigo que faz parte desta seção é *Mediatización de la alimentación y cultura – la hormiga como ingrediente en la disputa de MasterChef*. Coescrito por João Eudes Portela de Sousa e Mônica Cristine Fort, o trabalho analisa um episódio do programa MasterChef Profissionais, de 2018, no qual os participantes do *reality show* foram desafiados a criarem pratos com produtos nativos do Brasil, entre eles a formiga saúva. Segundo os autores, as reações de estranheza e descontentamento observadas entre os desafiados estão intimamente ligadas ao desconhecimento de tradições e costumes culinários regionais de grande parte da sociedade. Por fim, a pesquisa *Autores e teorias emergentes da comunicação para o desenvolvimento: reflexões sobre tendências de pesquisa*, produzida por Clóvis Reis, Regina Hostin e Cicilia Maria Krohling Peruzzo, apresenta um levantamento bibliométrico num recorte temporal de 20 anos (1997-2017) e cataloga 24 obras relevantes, que empregam um total de 1.554 referências bibliográficas. Na amostra, destacam-se a discussão sobre as tecnologias da informação e da comunicação, a relação entre movimentos sociais/populares e novas mídias, e a centralidade de conceitos como mediatização, dialogicidade e comunicação indígena.

A seção **Entrevista** brinda nossas leitoras e nossos leitores com uma riquíssima conversa com o Professor Jorge Gonzáles, Universidad Nacional Autónoma de México, realizada pelos Professores Cristian Yáñez Aguilar e Marcelo Sabbatini e pela Professora Marta Leonor Melean. A entrevista nos traz não apenas a vivacidade e a paixão de Gonzáles pela pesquisa, mas sobretudo nos leva a conhecer alguns caminhos percorridos pelo criador do conceito das Frentes Culturais. Ao longo da entrevista, encontramos mais do que um mapeamento de sua brilhante carreira de pesquisador, encontramos, além de pessoas e lugares de inspiração e de parceria, seu engajamento com as questões da cultura popular entendida com base em sua complexidade enquanto fenômeno cultural e simbólico.

Na seção de **Estudo**, Laan Mendes de Barros e Danilo Rothberg assinam *Processos midiáticos, práticas socioculturais, produção de sentido e políticas de informação e comunicação*. A discussão dos autores toma como ponto de partida o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp (Universidade Estadual Paulista) para apresentar a relevância do curso em questão, em especial, dentro de um cenário no qual os estudos de comunicação têm de lidar com uma sociedade cada vez mais mediatizada.

Na seção de Resenhas, a pesquisadora Valquíria Kneipp traz a sua leitura sobre a obra *As Fake News e a nova ordem (des) informativa na era da pós-verdade: manipulação, polarização, filter bubbles* (2019), organizada por João Figueira e Sílvio Santos. Intitulada *Como o jornalismo enfrenta a potência das fake news? Estudos de caso, reflexões e cenários no Brasil e em Portugal*, a resenha de Kneipp discute questões como a ascensão de protagonistas estranhos ao campo da política que agora dominam o espaço público mediatizado e o papel das redes sociais e da internet que disputam com o jornalismo a centralidade comunicacional e informativa. Já a resenha de Evangelina Margiolakis centra-se no livro “Pioneras en los estudios latinoamericanos de comunicación” (2021), organizado por Yamila Heram y Santiago Gándara. Em *La mirada de género en la historia y memoria de la comunicación latinoamericana*, Margiolakis explica como o livro nos convida a construir um mapa que traça as trajetórias de vida de pensadoras latino-americanas, revela suas afinidades intelectuais e políticas e também suas diferenças nas reflexões e produções em comunicação e cultura do continente.

Como uma última reflexão, vale lembrar o que cantam Víctor Jara, o saudoso multiartista chileno,

e seus compatriotas do conjunto musical Quilapayún na música “Mare Mare”, pertencente ao álbum “Canciones Folklóricas de América”<sup>1</sup> (1968): “Mariquita se llamaba / la mujer de Mare Mare, / indio viejo que mandó / muchos pueblos y lugares. // La muerte de Mare Mare / fue una cosa dolorosa / por los cielos se escucharon / los lamentos de su esposa”. Do mesmo modo, tal qual já diziam os versos desta canção, a Folkcomunicação continua a dar ouvidos, espaço e abertura aos cantos e lamentos dos que “não eram dignos” da atenção da Academia. Ou seja, trata-se de um campo de estudos que propõe não apenas a presença do pesquisador como um ser estranho e pronto tão somente à coleta unilateral em meio ao povo comum e suas práticas comunicacionais e culturais. Mas, ao contrário, promove uma tentativa de integração e troca entre a tradicional rigidez do pensamento acadêmico com a fluidez, maleabilidade e plasticidade daquilo que advém das ruas, das festas, das redes sociais, dos terreiros, das florestas, das periferias, dos quilombos e dos muitos “rincões” distantes, escondidos ou mesmo esquecidos pelos saberes formais. É com esta premissa que a Folkcomunicação continua viva, resistente e atuante desde Beltrão até os dias de hoje.

Registramos aqui o nosso agradecimento aos organizadores do dossiê e a todos os autores e autoras que colaboraram com seus artigos pertencentes à temática central da edição e também à seção de artigos livres. Igualmente, estendemos os agradecimentos aos pesquisadores que compõem este número com importantes trabalhos nas seções de entrevista, estudo e resenha. Finalmente, reconhecemos com gratidão o trabalho da Equipe Editorial e de todos os pareceristas nacionais e internacionais que, de forma voluntária e rigorosa, avaliaram os trabalhos presentes neste número da *Revista Latino-Americana de Ciencias de la Comunicación*. Desejamos uma excelente leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch  
Maria Cristina Palma Mungoli  
Anderson Lopes da Silva

---

<sup>1</sup> Para ouvir esta e outras canções folclóricas do álbum, visite a página: <https://www.letras.mus.br/victor-jara/discografia/canciones-folkloricas-de-america-1968/>.